

ALGUNS LIVROS ULTIMAMENTE PUBLICADOS

As Pupillas do sr. reitor

POR JULIO DINIZ

(Continuação.)

Digam-nos realmente se é crível que n'uma aldeia se falle assim? até creio que em poucas salas da cidade. Parece-me antes estar aqui reproduzindo a linguagem piegas de conceitos e trocadilhos, dos tempos dos acrosticos, de que as fallas sem *distinguos* nem revesamentos grammaticaes dos habitantes das serras.

Porém, Margarida (dir-nos-hão) sabia ler e escrever: era lida e applicada. Seria; mas a athmosphera aldeã, é tão densa e climaterica, que mesmo nos espiritos cultos, actua de um modo especial; e é por isto que o delecto dos campos, até nos seus circumloquios e diffusões, é vivo, pintoresco, e energico, e as metaphoras empregadas, colhidas directamente no espectáculo das cousas reaes, desenham vigorosamente o pensamento, sem lhe fazer perder a simplicidade.

Ouçam agora um dialogo das duas irmãs; da ins-truida e da que o não é.

«—Olha, Clarinha (diz Margarida); a gente é como as flores, que umas nascem com côres vermelhas que alegam, outras com côres escuras que entristecem. *Olha tu as violetas e os suspiros.* Que te digam porque nasceram assim, e porque *crescendo na mesma terra e sendo allumia-das pelo mesmo sol, não teem as cores brilhantes da rosa.*

—Bem respondido, sim, senhora. D'aqui em diante hei-de chamar-te sempre a minha violeta.

—Criança! E tu, Clarinha, nunca te sentes triste?

—Triste, porque? Que tenho eu a desejar para ser feliz de todo?

—Tens razão. Tu... nada... etc.»

E assim fallam as duas aldeãs!... A linguagem dos affectos é quasi sempre expressa n'estes termos: symbolica e metaphyzica.

A mãe de Clara, quasi a expirar, dirige-se n'estas palavras a Margarida:

«—Guida—pela primeira vez lhe deu este nome affectuoso —perdoa-me! *Deus allumiou-me o espirito.* Só agora conheço a minha maldade e as tuas virtudes. Perdoa-me, minha filha, e sê generosa até ao fim. Clara fica só; é ainda muito criança. Lembra-te que ella é tua irmã; aconselha-a, e estima-a; olha por ella. Perdoa-lhe o ser filha de... tua madrastra.»

Estas são as derradeiras palavras da velha camponeza, nos artigos de morte. Sempre as mesmas reticencias, e a mesma subtileza nas idéas. Vejam se isto é possível. Nem a sua condição rustica, nem a hora tremenda, que lhe expirava nos labios, vislumbra nas suas phrases, mais medidas e grammaticaes do que muitos dos nossos rhetoricos ou legisladores as poderam dizer.

Em geral, o livro todo participa, e resente-se em excesso, das qualidades solidas do talento do auctor. E' o pensador que n'elle prevalece. E se estas qualidades,

aliás apreciaveis no escriptor philosophico, ou didatico, trazem dotes notaveis ao estylo, porque da sciencia das cousas resulta a precisão das idéas e da precisão das idéas a concisão e nitidez da forma, no escriptor de romances estas qualidades podem prejudicar, porque no romance o estylo deve ser colorido e imaginoso, como os variados aspectos da natureza, cujo theatro abraça; natural e facil, como forma caracteristica, das diversas classes que possam naturalmente compôr o seu quadro.

E' inquestionavelmente este um dos pontos por onde o sr. Gomes Coelho pode ser mais justamente censurado. Ha sempre verdadeira lucidez na sua fórma; porém, as mais das vezes é incolor. E em todos os trechos descriptivos é onde se observa mais este defeito. Narra e disserta quasi sempre. Ora o romancista deve antes pintar do que narrar ou dissertar. A dissertação é a frieza, a monotonia, e estas qualidades são a morte das paginas descriptivas. Diante da palheta, rica de tons, do pintor da vida intima e exterior, devem erguer-se, animados e floridos, todos os quadros traçados pela phantasia ou aproveitados pelo instincto do realismo, e nas *Pupillas* nota-se a falta de variedade e brilho de côr, que só o proprio sol dos campos, risonho e esplendido como a vida da natureza, consegue avivar na imaginação do escriptor. Sirva de exemplo aquella esfolhada, um dos mais caracteristicos e galhofeiros episodios da vida agraria, que nos apparece apenas como um quadro de morte-côr! Muitos outros folguedos, bem naturaes n'aquellas localidades, deveriam ter vindo dar feição e imprimir cunho ao livro do sr. Gomes Coelho, e ficaram esquecidos. E' de suppor que emende a falta nas obras que devem seguir-se. O estudo e copia de bons traslados, pôdem influir muito no seu espirito. E se não fosse o receio de ferir o melindre do illustre director litterario d'este periodico, apontar-lh'o-hiamos como modello no genero. Entre outros muitos escriptos admiraveis, ha n'aquella sua formosissima collecção dos *Dose casamentos*, um, passado nas alturas de Barroso, que, na forma eminentemente poetica, assim como na indole, admiravelmente reproduzida da intimidade d'aquella pobre e rude gente, d'aquelles sitios alpestres, ficará sendo modello eterno na litteratura portugueza, como quadro da vida rustica.

Ainda mais um reparo, e depois o louvor aberto e inteiro.

Tem-se dito, por ahí, que as *Pupillas do sr. reitor* são um romance perfeito e acabado; e eu intendo que não. Mostra elle a grande sciencia do mundo real, que já encareci e applaudi no auctor, mas fallece-lhe a invenção. Como contextura, como tecido de aventuras, é frouxo, inconsistente e inverosimel até. Como romance, não passa de uma ligeira composição, em que as incongruencias obrigariam a fechar o livro, se não fosse a rara singeleza dos materiaes aproveitados, e ainda mais a rarissima naturalidade com que estão dispostos, sobresa-hindo o elemento jocoso.

E chamo-lhe ligeira composição, não porque eu intenda serem unicamente os complicados lances de exal-

tação sentimental os preferíveis para qualificar o bom romance. Que mesmo no centro de uma aldeia se poderiam dar, sem incoherencia nem inverosimilhança, porque o coração não escolhe theatro para rebentar em paixões violentas. Só os criticos da poetica arcadica, pretendiam, que os amores, nos campos, obedecessem ás formulas tranquillias e enfiadas dos idyllios. Hoje a critica regula-se por outras leis, que são sobretudo as do gosto e do bom senso; e são essas justamente que encontram o enredo das *Pupillas* inconsistente, sem que todavia, aqui e alli, deixem de se notar alguns toques melodramaticos. A scena de rivalidade dos dois irmãos, mais *arrastada*, que resultante do movimento da acção; o quadro dos jogadores, na taberna, passando-se isto tudo n'uma aldeia certanheja do Minho; os apparecimentos, a *proposito*, do reitor, nas situações culminantes do romance, quando os habitos da sua vida o deveriam retor de certo n'outra parte, tudo isto pertencem, sem contestação, ao genero, cujo intento é crear interesse, ainda mesmo á custa da logica dos factos. A existencia do desconhecido mestre de Margarida, tambem podia urdir um melhor episodio com a intriga do romance; bem como é de todo incrível a separação em que o auctor nos conserva a heroína de Daniel, e o esquecimento d'este, des que sahiu a estudos da aldeia. E' esta a maior dureza do livro; e custa a crer, até que um espirito tão fino, e analyse tão meticolosa, adoptasse, como principal *mola* de enredo, uma inverosimilhança tão banal. Homero tambem dormia.

Agora chegamos ao ponto, onde a penna corre á vontade, porque não encontra senão motivos de elogio. Fallo da chistosa porção de typos comicos, que a musa popular bafejon de certo n'uma das suas horas mais fadadas. A primeira, e mais completa d'estas physionomias é indubitavelmente o cirurgião, João Semana, tão caracteristicamente completado, na sua intimidade domestica, pela rotunda e espiritada figura da boa velha Joana, criada e governanta do nosso facultativo da aldeia. E com que tacto o auctor nol-o apresenta! Nas horas calmosas da refeição e do descanso, debaixo da torreira do sol, é que aquelle bom velho atravessa o povoado, no desempenho da sua tarefa humanitaria. E de que episodios, tão peculiares e pintorescos, elle lhe semeia a visita aos doentes! Não é só um retrato, é um quadro com todas as figuras episodicas e complementares. Só aquelle lavrador, sentado na soleira da porta, a rilhar uma febra de bacalhau, que lhe pergunta se a mulher convalescente pode comer uma sardinha assada, que naturalissimo toque da vida domestica d'aquella gente! E a resposta do João Semana, e o suspiro da mulher lá de dentro! Que verdade, que chiste em tudo isto!

José das Dornas é tambem uma bella personificação do nosso lavrador. Basta os ditos, que elle atira aos filhos e creados, na occasião da esfolhada, para inculcar a verdade d'aquella indole.

O caracter do reitor é bem estudado e reproduzido. Ha alli a bondade do coração, allumiada pela sciencia do evangelho. Mas ao bom do padre falta-lhe um requesito.

Falta-lhe o latim. Lembrem-se principalmente de que elle é um egresso. Não o posso admitir, sobre tudo, nas suas praticas, com o velhote do João Semana, sem o texto latino, annexim obrigado d'aquellas conversações.

No tendeiro e na familia, vê-se naturalissimamente representada a besbelhotico da provincia, que a final é de todos os invejosos e malevolos em povoações pequenas, e muitas vezes tambem em grandes.

N'uma palavra, todos estes typos são traçados com vigor, e talvez até sejam retratos felicissimos de parecença. Em todos elles vê-se, ha o sello da realidade. E' pelo menos, este o effeito que me produzem.

Resumindo, o livro das *Pupillas*, avaliado na sua importancia moral e litteraria, annuncia uma natureza energica mas bondosa, e uma rara faculdade de observador. O escriptor, alli, ainda tem que desprender-se das hesitações das primeiras tentativas. Carece de folego e amplitude o estylo; mas a sua concisão dá uma alta idéa de rigor logico do talento do auctor. Por ora, o meu parecer, é que temos no sr. Gomes Coelho o nosso primeiro moralista. E' de presumir que o estudo da fórma especial, e os subsidios que alegam e opulentam a phantasia, concorram tambem, com o tempo, para que elle venha a ser um dos nossos mais illustres romancistas. No entanto, tal qual assim é, o seu livro veio occupar um elevado logar na nossa litteratura, e dar exemplo e impulso a um genero de composições, que Balzac intitulou *Comedia humana*.

JOSÉ MARIA D'ANDRADE FERREIRA.

EXCERPTO DO ROMANCE INEDITO

A GONSPIRAÇÃO DE PERNAMBUCO

I

Um sermão de Antonio Vieira

Não houve respeito que resistisse, não houve gelo que se não derretesse ao fogo d'esta eloquencia sublime, não houve denodo, por mais amortecido, que se não exaltasse, não houve, por mais affogada em lagrimas, voz que não soltasse um brado de heroica maldição. Foi um grito unanime que reboou nas abobadas do templo, e que fez passar como que um sopro bellicoso nas teclas do orgão, que despertaram n'uma nota só, longa, austera e vibrante. E Antonio Vieira, arrastado por esse mesmo electrico impulso que aos outros communicava transportado pelo irresistivel *Est Deus in nobis*, com a voz fremente, debruçado do pulpito como que para mais se approximar do sacrario, lembrava ao Onnipotente os sacrificios feitos pelos portuguezes á fé catholica, e invocou assim ao mesmo tempo a gloriosa memoria de nossos passados triumphos:

«Se esta havia de ser a paga, e o fructo de nossos trabalhos para que foi o trabalhar, para que foi o derramar tanto e tão illustre sangue n'estas conquistas? Para

que abrimos os mares nunca d'antes navegados? Para que descobrimos as regiões e os climas não conhecidos? Para que contrastamos os ventos e as tempestades com tanto arrojo, que apenas ha baixio no Oceano que não esteja infamado com miserabilissimos naufragios de portuguezes? E depois de tantos perigos, depois de tantas desgraças, depois de tantas e tão lastimosas mortes, ou nas praias desertas sem sepultura, ou sepultados nas entranhas dos mares, das feras e dos peixes, que as terras que assim ganhamos, as hajamos de perder assim... oh! quanto melhor nos fôra nunca conseguir nem intentar taes empresas!»

O troar longinquo do canhão acompanhava magestosamente este quadro pintado com tanta inèrgia pelo sublime orador; alguns veteranos das Indias que o escutavam sentiam rebates dos seus antigos brios, e elle, chamando a ira de Deus sobre os herejes, exclamava com amarga ironia:

«Abrazai, destrui! consumi-nos a todos; mas pôde ser que algum dia queiraes hespanhoes e portuguezes, e que os não acheis. Hollanda vos dará os apostolicos conquistadores que levam pelo mundo os estandartes da cruz; Hollanda vos dará os prégadores evangelicos, que semeiem nas terras dos barbaros doutrinas catholicas, e a reguem com o proprio sangue; Hollanda defenderá a verdade de vossos sacramentos, e a authoridade da Igreja Romana; Hollanda edificará templos; Hollanda levantará altares, e offerecerá o sacrificio de vosso santissimo corpo; Hollanda enfim, concluiu elle revelando com o troar energico do remate, e com o vigor do gesto, a ironia acerba das frases precedentes, Hollanda enfim vos servirá tão religiosamente como em Amsterdam, Middleburgo, e Flessings e em todas as outras cidades d'aquelle frio e alagado inferno se está fazendo todos os dias.»

Parou. No meio do silencio solemne que se seguiu ouviu-se mais distincta a voz trovejante da artilheria: todas as respirações estavam anciadas e oppressas. Vieira, como que desfallecido pela fadiga sublime da eloquencia, deixou pender a cabeça sobre o peito. Depois ergueu-a de novo; quem o podesse contemplar de perto veria as lagrimas a escorrerem-lhe pelas faces. A voz que resou então não era já vibrante e energica, era tímida e soluçante. O grande orador, percorrendo a escala do seu instrumento maravilhoso, ia fazer vibrar as cordas do pathetico, e encher de lucto mas de indignação tambem as almas que alli tinha, oscillantes a cada sopro do seu genio. Pouco e pouco tinham-se indo accendendo os cirios e os tocheiros da igreja, e os seus clarões incertos projectavam grandes massas de luz cambiante no templo onde se accumulava a turba. Nos quadros sombrios desenhavam-se com sinistro relevo as figuras asceticas dos santos, e pelos crucifixos lividos escorria como que um esplendor sanguineo. O auditorio quasi que soltou um grito, ao ver pallido e banhado de lagrimas o rosto de Antonio Vieira, e um fremito, precursor da procella, correu pelas veias de todos. O orador continuou:

«Fujamos pois, bradou elle, e os soluços cortavam-

lhe a voz, finjamos pois (o que até fingido e imaginado causa horror) finjamos que vem a Bahia e o resto do Brazil a mãos de hollandezes; que é o que hade succeder em tal caso? Entrarão por esta cidade com furia de vencedores e de herejes; não perdoarão a estado, a sexo, nem a idade: com os fios dos mesmos alfanges medirão a todos. Chorarão as mulheres, vendo que se não guarda decoro á sua modestia; chorarão os velhos, vendo que se não guarda respeito a suas cãs; chorarão nobres vendo que se não guarda cortezia á sua qualidade; chorarão os religiosos, e veneraveis sacerdotes, vendo que até as corôas sagradas os não defendem; chorarão finalmente todos, e entre todos mais lastimosamente os innocentes, porque nem a esses perdoarão como em outras occasiões, não perdoou a deshumanidade heretica. Sei eu, Senhor, que só por amor aos innocentes dissestes vós algumas horas que não era bom castigar a Ninive. Mas não sei que tempo, nem que desgraça é esta nossa que até a mesma innocencia vos não abranda. Pois tambem a vós, senhor, vos ha-de alcançar parte do castigo (que é o que mais sente a piedade christã) tambem a vós hade chegar:»

As lagrimas, os soluços, que esse quadro tão vivo arrancava, estancou-as a curiosidade. Deus castigado! Deus vilipendiado pelos herejes! Jesus!

«Entrarão os herejes n'esta igreja e nas outras, continuou o orador com a voz já mais firme e sonora, arrebatarão essa custodia, em que estais agora adorando os anjos; tomarão os calices e vasos sagrados, e applical-os-hão a suas nefandas embriaguezes. Derrubarão dos altares os vultos e estatuas dos santos, deformal-os-hão a cutiladas, e mettel-os-hão no fogo, e não perdoarão as mãos furiosas e sacrilegas nem ás imagens tremendas de Christo crucificado, nem ás de Virgem Maria.

Ouviu-se um grito immenso de horror, mas acima d'esse grito unisono vibrou trovejante a voz d'Antonio Vieira.

«Se a Balhazar, por beber pelos vasos do templo, em que não se consagrava vosso sangue, o privastes da vida e do reino; porque vivem os herejes, que convertem vossos calices a usos profanos? Já não ha tres dedos que escrevem sentença de morte contra sacrilegos?»

E o gesto completava a apostrophe, e a mão de Antonio Vieira, estendida parecia inserer nas paredes da igreja, com letras flamejantes, o *Misé, Thel, Pharé* da orgia de Babylonia! O troar do canhão não parecia já ameaçar mas antes preludio da vingança celeste.

E os homens exaltados pediam armas para correr ás trincheiras, e as proprias mulheres estancavam o choro, e sentiam em si os antigos brios das heroínas portuguezas. Mas Antonio Vieira, mudando ainda uma vez de tom, e dirigindo-se supplicante a Deus, a quem se dirigiu altivo, implorando a sua misericórdia depois de ter invocada a sua justiça, bradou com voz cheia de unção religiosa:

«Se sois Jesus, que quer dizer Salvador, sede Jesus e sede salvador nosso. Se sois sol e sol de justiça, deponde os rigores da vossa. Deixai já o signo rigoroso do

Leão, e dai um passo ao Signo da Virgem, signo propicio e benéfico. Recebei influencias humanas de quem recebestes a humanidade. Perdoai-nos, senhor, pelos merecimentos da Virgem Santissima.

—Perdoai-nos, senhor!—bradou o auditorio caindo de joelhos e soluçando.

«Perdoai-nos, por seus rogos, ou perdoai-nos por seus imperios; porque se, como creaturas, vos pede por nós o perdão, como mãe vos póde mandar, e vos manda que nos perdoeis.

—«Perdoai-nos, senhor!—tornou o auditorio lavado em lagrimas.

«Perdoai-nos enfim para que a vosso exemplo perdoemos, e perdoai-nos tambem a exemplo nosso, que todos desde esta hora perdoamos a todos por vosso amor; *Dimittite nobis debita nostra, sicut et nos demittimus debitoribus nostris. Amen.*

Apenas expirou a ultima palavra nos labios de Antonio Vieira, ergueu o orgão sua voz plangente. A sacra melodia vibrou, espraçando-se meiga e tremula, pela amplidão da igreja e acompanhou com o seu murmuro queixoso o jesuita, que descia lentamente os degraus do pulpito. O canhão troava ao longe, e a turba, exaltada, accumulava-se em torno do padre, beijando-lhe a fimbria do habito e soltando gritos d'amor e d'entusiasmo. A pouco e pouco foi-se escoando a multidão, que bradava: «Aos hollandezes!» espalhando-se pelas ruas. O orgão gemeu d'ahi a pouco solitario na igreja abandonada, e o jesuita, dirigindo-se para a capella-mór, foi ajoelhar diante do altar. Quando se embebia em fervorosa prece, sentiu tocarem-lhe as mangas do habito, e uma voz tremula de commoção murmurar:

—Meu padre, um homem que vai morrer, lhe pede a sua santa benção.

M. PINHEIRO CHAGAS.

REGINA

ROMANCE ORIGINAL

POR

GASTÃO VIDAL DE NEGREIROS.

(Continuado do n.º 9.)

VII

Eugenia

Atterrada com a revelação da irmã, Eugenia deuse pressa em participar a Raphael o que passava. Este, temeroso e anciado, mas ainda assim menos duvidoso do caracter de Anselmo da Costa, parecia-lhe impossivel que o pai de Eugenia faltasse a seus compromissos. E a prova era que nunca o pobre Salvador podera colher uma palavra d'esperança. Com elle, dava-se outro caso. Eugenia estava-lhe promettida para quando tomasse conta da casa de seu pai. Era este o ponto essencial para o negociante. Bastava ao mancebo vencer a resistencia do pai

e compellil-o a isso. A eminencia do perigo encorajou-o a empregar todos os meios desde as seducções filiaes até as supplicas mais fervorosas.

Todas as tentativas foram porem inuteis. Teve de resignar-se, e esperar pelo tempo demarcado.

Pela sua parte, Eugenia não menos engenhosa nos meios de vingar suas pertencções, commoveu D. Antonia, que sentia no fundo d'alma, embora o não confessasse, um acrescimo de ternura por esta filha. Mas apesar de tudo isto, não lhe foram mais favoraveis os auspicios. D. Antonia calculava a grandeza a que se elevava Regina, pensando com tristeza na differença de posição das duas irmãs, cazando Eugenia com Raphael.

Despertara-se-lhe tambem a ambição. De mais desculpava-se para com Eugenia, disendo-lhe que a vontade do marido era tão inquebrantavel como a do pai do mancebo, e nem um, nem outro estava disposto a ceder da idea primitiva. Antonio Garcia não entregava a casa ao filho, enquanto a prudencia que só trazem os annos lhe não tirasse de sobre os hombros o peso dos cuidados; Anselmo da mesma forma se recusava a dar sua filha a um simples caixeiro como por enquanto o era Raphael de seu pai, tendo apenas de ordenado seiscentos mil reis annuaes.

Afora isto, tentava-o o visconde fallando-lhe indirectamente das vantagens d'uma união com pessoa tão abastada como o seu amigo Alvim.

E no meio de tudo, Justino tornava-se ao lado de Eugenia o que fôra o visconde para Regina—um perseguidor implacavel.

A cadeira outr'ora occupada pelo filho de Antonio Garcia ao lado da menina, era agora tomada por elle com afinco, incitado pelo mesmo visconde que não perdoava ao mancebo a má vontade que sempre lhe mostrara por causa de Salvador.

Raphael despeitado, e com o coração tremente de raiva contra Anselmo, e contra a fraqueza de Eugenia que não ouzava afoitamente revoltar-se contra esta preferencia, sahia muitas vezes da sala, retirando-se a sua caza para fugir ao impulso irresistivel que o tentava a elevar a voz contra todos, dando assim origem a um grande escandalo.

Eugenia, nas suas noites mal dormidas, chorava e carpia-se á imagem do bem amado que trazia sempre escondida sobre o coração. O raio do sol que a aviventava, o contentamento e a esperanza certa no futuro, esmoreceu, sumiu-se.

As faces emaciaram-se-lhe perdendo pouco e pouco o colorido que é o signal da saude e da alegria; os olhos cintavam-se-lhe d'um circulo escuro, e seu bello collo curvou para a terra, como a haste da flor açoitada pelo vendaval. Ao mesmo tempo, Regina cujos labios jamais sorriram desde o infausto dia em que se viu presa irremediavelmente ao homem a quem nem mesmo podia estimar, appresentou identicos symptomas: tão profunda era a dor que a minava. Estavam as duas irmãs no mesmo caso: eram como duas flores estioladas á min-

goa da seiva vivificante do coração. Ainda ha pouco, qualquer d'ellas luxuriava uma primavera opulenta em graças e frescor, e hoje eil-as ahí estão, vergando ao pezo inconcebível da amargura. Eugenia via o abismo aberto a seus pes, e sentia a prostração moral, e o quebrantamento fisico para resistir á voragem que a chamava. Regina já despenhada, e no cumulo do desespero que se via obrigada a recalcar no seio, pedia a Deus com vozes afflictas que a submergisse bem fundo, para que a lava do vulcão depressa a consumisse. Ainda assim, como se a predestinação a tivesse apontado no seu livro negro, a creança que em poucas horas e com o baptismo da desgraça se levantara mulher, adquirira um novo genero de formosura, mysterioso e fascinador. O angustiado sorriso de Eugenia despertava a piedade e a commiserção; Regina pelo contrario obrigava as almas a quere-rem prescrutar-lhe os segredos suspensos n'aquelles labios secos e aridos, aquelles pensamentos que irradiavam luz á sua fronte pallida, onde se via distinctamente que tumultuavam as sonhos d'um espirito superior.

Entretanto Salvador arrancado á morte pelas orações do amor materno, levantava-se do leito, embrulhado no sudario da sua paixão.

—Que quer fazer agora de mim, minha mãe? —dizia elle uma tarde, encostado ás almofadas do leito, beijando a mão de D. Julia que estava curvada sobre a ourela do colção, com os braços estendidos para elle, e o triste e nobre rosto inclinado e quase a tocar no de seu filho.—Porque me não deixou morrer? De que lhe sirvo eu? Que alegrias lhe tenho dado, santa?

—Filho! filho!—bradava a senhora commovida d'estes queixumes até ao pranto.

—Tormentos!.. lagrimas!.. Ahí tem, minha mãe, veja como o meu destino é atroz.

—Magôas-me, Salvador. Eu não te cuidava egoista. Queres privar-me de que eu sinta as tuas dores? Deixame chorar, filho; o Senhor hade mostrar-me mais uma vez a sua clemencia, fazendo-te esquecer, e perdoar.

—Perdoar!—exclamou o mancebo com um acento de desespero que fez estremecer D. Julia. Perdoar o quê, minha mãe? Oh! prouvéra a Deus que tivesse de que accusar aquelle anjo! Que a minha dignidade me dicesse que eu devia desprezar a mulher vil que se vendeu ao ouro, e ás grandezas. Não posso. Vi que a arrastaram ao altar; e alli mesmo, o meu coração surpreendeu o olhar que ella lançava em redor de si invocando a terra para que a sorvesse antes de se consumir a ignominia dos seus!.. Que coração eu perdi, minha mãe! e que alma! que alma aquella!

—Um soluço dilacerante cortou a garganta do mancebo.

—Está bom—disse a senhora enxugando as lagrimas, e puxando as dobras do lençol em que elle afogava os suspiros. Agora és tu que choras?... Pois chora, filho, chora; choraremos ambos—continuou unindo a face á de Salvador.—O pranto refrigera, e não avilta ninguém.

—E felizes d'aquelles, que ainda no meio da desgraça, tem um seio de mãe para abrigar-se das tempestades da vida—terminou o moço com serena resignação limpando os olhos.—Vamos continuou com grande esforço. Fallemos em outra coisa: Raphael tem vindo saber de mim?

—Todos os dias; mas os medicos prohibem-te que falles, enquanto não cobras mais forças.

—Já me sinto forte, minha mãe: quando elle vier deixe-o entrar, sim? Parece-me que estou fechado n'um tumulto; preciso do ar dos vivos!

—Oxalá que elle te não venha dizer coisas que te adoentem mais.

—Não vem, não, minha mãe. Não esteja sempre a scismar comigo.

—E em que hei-de eu scismar senão em ti, Salvador?—respondeu a senhora com melancolica gravidade. Tenho eu mais alguem no mundo?

—Tem razão, minha querida mãe, minha adorada santa, tem razão; eu sou ingrato... Mas não se intristeça outra vez, não?

—Não filho, não.—Tornou D. Julia sorrindo a travez das lagrimas—Ha vinte e dois annos que tu és o sol que me alumia!..

Horas depois, Raphael contava por miudo a Salvador o que se tinha passado n'aquelles dois mezes. Custava-lhe ao mancebo a responder a todas as precipitadas perguntas do amigo. Esquecia-se de Regina para fallar da irmã. Quando chegou ás pertençações d'Alvim a voz prendeu-se-lhe na garganta, e depois d'um curto silencio perguntou a Salvador:

—Que idea fazes de Anselmo da Costa?

—A que sempre fiz—respondeu o interrogado.

—E' uma alma de bronze. A ambição custa a fundir-se-lhe no espirito á custa do sacrificio das filhas; mas uma vez afeito ao molde, não haja medo de o ver quebrar: é de rija tempera aquelle coração paterno!

—Pronunciaste a minha sentença—tornou Raphael com desalento.

—Eugenia está, pois, perdida para mim?

—Só agora o descobriste, meu pobre Raphael? Não sabes quanto pode o ouro aos olhos dos espiritos positivos?

—Que dizes?—volveu este de golpe e como espan-tado.—Pois eu heide perder a esperanza mais querida da minha alma? Poderão roubar-me a esposa promettida do meu coração? O' Salvador! eu endoideço!

E o mancebo apertou a fronte com as duas mãos.

—Pois não me dizias ha pouco, que ella estava perdida?... E a mim, Raphael, não me matou a mocidade e vida aquelle homem que eu respeitava como pai? Teve elle dó do meu desespero, e o que é mais das angustias da filha? Infeliz mulher! o que ella deve ter soffrido!.. O que vale, é que a vida é curta; não deixa á gente a vontade de disputar á morte as suas attribuições. Não achas que é assim?

—O que admiro é a tua resignação!—redarguiu o

outro. No teu caso, tentaria o ultimo recurso que vou propor a Eugenia n'esta mesma noite. Vou expor-lhe a indignidade do pai, e instar com ella para que fuja de casa, se quer livrar-se da desgraça da irmã. Se ella accêita... Accêitará—concluiu depois de meditar alguns momentos. A saude d'ella exige mesmo que eu seja energico. Se soubesses como ella anda pallida e abatida! De mais, Eugenia sabe que me sacrifica tambem a mim. Accêitando a minha proposta, meu pai recebe-a com os braços abertos; eu preparo as coisas de modo que um padre nos receba immediatamente; e depois, Anselmo não poderá escusar-nos o perdão d'uma culpa authorisada pela sua tyrannia. Se, porem, ella insiste em esperar, se não attende ás minhas supplicas, então Salvador, declaro-te que a julgo indigna de mim, e d'esta santa affeição a que consagrei todas as aspirações do meu futuro. Então, que se avenha com a desgraça, já que a fraquesa de character ou a ambição se fazem preferiveis, ao caminho de rozas que lhe aguardava o meu amor. Então que pize os espinhos dourados que a fascinam, que eu abandono-a a seu destino, e prometto que nunca mais seus olhos encontrarão os meus sobre a terra. Não te parece bem isto?

—Decerto: a questão é que a rezolvas a tomar o partido da fuga, que na verdade é um pouco violento para mulheres educadas como as filhas de Anselmo. Duvindo por tanto, meu amigo, que Eugenia ouze affrontar a sociedade, manchando a sua reputação com esse passo reprovado aos olhos do mundo. E se não accêita, lastimo-te... Pensa bem, antes de tomar uma resolução definitiva.

—Emfim, veremos—accudiu com fogo Raphael levantando-se e tomando o chapéu.—E' preciso que isto acabe d'uma vez. Anselmo da Costa recebe todas as noites em casa. Amanhã saberás o que for passado.

—Pois até lá, e sê feliz nas tuas esperanças meu amigo—respondeu Salvador apertando-lhe a mão.

D'alli até casa, Raphael meditou no meio de poder fallar a Eugenia sem que os interrompessem; e como lhe parecesse isto difficil attenta a assiduidade de Alvim, fechou-se no quarto e escreveu uma longa carta em que expendia á menina as razões que o levavam a propor-lhe a saída da casa do pai, como o unico meio de salvação.

Findo este trabalho, dirigiu-se para casa de Anselmo da Costa onde a sua falta começava a ser notada.

Com ar mais sereno contemplou elle a sua esposa-da, e por uma simulada condescendencia sentou-se á banca do Wist onde jogava Anselmo com seu pae e mais alguns amigos, deixando a Alvim o cuidado de entreter as senhoras.

(*Continúa.*)

QUE LUCTA!

(FRAGMENTO D'UM ROMANCE INEDITO)

«La fóra começa a alvorecer a madrugada e a tingirem-se de mil reflexos cambiantes as vagas do oceano; principia a azular-se o firmamento; cantam as aves; e campinas cobertas de searas ou de flores tomam risonho aspecto: la fora ha luz e ar puro; aqui dentro d'estas quatro estreitas paredes tudo é sombrio e triste; a luz amortecida, o ar corrupto pelo meu halito, e ninguém ao pé de mim! Ninguém, excepto o meu Christo!

O' martyr do Calvario, deixa-me tirar desse rosto livido e ensanguentado alentos para encarar a morte sem saudades da vida. Padeceste muito, mas tua mãe não te desamparou; encostada aos pés da cruz chorava por ti, e aquelle pranto havia de ser-te mais suave e consolador do que te seria amargo o escarneo dos teus algozes.

Por mim quem chorará?

Padeceste muito, ó martyr incomparavel, martyr d'um amor sublime, mas no meio das affrontosas obras da tua paixão que força te não daria ao animo a ideia de que libertavas a humanidade, e que pela tua morte renovarías a face do mundo!

Eu, miserrimo! nem sequer cheguei a cumprir o meu humilde destino!...

Christo, ó Christo, salva-me; tu só me ficaste, bem o vês! és neste momento a minha companhia unica! Christo, salva-me pela fé, se podes.

Se és verdadeiramente Deus, faze um prodigio; solta desses roxos labios uma palavra que me obrigue a crer na tua divindade. Não te peço nem que me desveles os mysterios da vida, nem que me patenteies as leis imutaveis do universo, nem que me rasgues o veo da eternidade; não te peço uma visão do ceo, nem dos tenebrosos carcereiros do inferno; peço-te só um raio de luz da fé, para ao meu peito chegar a tua imagem com effusões d'amor, assim como te contemplo cheio de admiração, pela santidade da tua doutrina e grandeza do teu soffrimento.

Com que fervor de devoção me abraçaria agora contigo, se tivesse fé! Como a oração me romperia do intimo espontanea, ardente, fervorosa, se tivesse fé! Com que resignação me desataria do mundo, com que jubilo, talvez, me lançaria na eternidade.... a eternidade!... o nada!.. Dous abysmos igualmente profundos! O abysmo da luz e o das trevas; insondaveis ambos! Um deslumbra e cega; no outro perde-se a vista na densidão das trevas!

O nada! Como heide comprehendel-o?! Eu que sinto, penso, desejo, vivo, não sei, não posso comprehender a negação da existencia.

A materia transforma-se, mas não se anniquila; e o espirito que dá movimento á inercia, o espirito hade acabar?

A luz ora se derrama em ondas, ora deixando logar ás trevas se retrahê ao foco de que emanara; mas não se

extingue nunca; e a alma, a intelligencia, e phantasia, a razão, a vontade, o sentimento, tudo isto hade acabar? pode acabar?

Mas a immortalidade o que é? Viver, sim, viver por seculos infinitos, mas viver como?

No mesmo estado sempre? N'este estado de imperfeição e de ignorancia, de duvidas, de dores e miserias?

Despida a alma do corpo as enfermidades cessam, mas a ignorancia dissipa-se?

Quebradas as prisões do tempo e do espaço chegará o espirito a gozar em toda a sua plenitude a verdade, o bem, a belleza immutavel?

Será o espirito raio da luz divina que apagado aqui vae abysnar-se no mar immenso da luz? A alma do justo e a do malvado repousarão igualmente no seio da deidade? Terá então manchas o sol eterno? Impossivel; não existiria a perfeição infinita, não haveria Deus.

A immortalidade o que é? e como existe o nada se elle é a negação da existencia? Em qual d'estes dous abysmos estará a verdade?

Depois de fazer a si mesmo esta pergunta, Ernesto, que pouco e pouco se havia assentado no leito, deixou-se cahir extenuado, cerrando os olhos. Succumbir-lhe-ia a alma n'aquelle tremenda lucta da fé, com a razão allucinada? Cairia n'aquelle estado de cansaço moral, em que todas as faculdades do espirito ficam inertes como n'um pasmo? ou fechando os olhos ao mundo exterior, procuraria na consciencia verdades que a razão lhe não descubria? Talvez.

Inundava-lhe o rosto um suor copioso e frio, respirava com ancia, e as rosetas vermelhas da face tomaram cor mais viva. Passados momentos, accusara-lhe a phisionomia que de novo se levantara la dentro a procella. Murmurava palavras sem nexos; por fim levantou a voz como para responder a si mesmo:

«E quem me diz a mim que elle existe? Quem me assegura que não é uma abstracção do espirito, uma entidade puramente ideal, uma chimera enfim, esse ser que tudo vê, sem que para elle haja passado nem futuro, e que sem occupar espaço, enche o universo! juiz unico das consciencias, infallivel porque é a sabedoria infinita, immutavel porque é a perfeição absoluta! dominador supremo que tem por throno a immensidade e por sceptro a omnipotencia!.. Não será tudo isto uma illusão do espirito humano, filha da sua propria fraqueza, como as visões phantasticas em noites de insomnia e de febre? Esta voz interior que me accusa de blasphêmo não será o grito das falsas crenças que me imbuiram na infancia, que se consubstanciaram em a minha razão e que não posso agora arrancar-as de la, sem dilacerar a consciencia? Não houve, por seculos, milhões d'homens que sinceramente acreditavam na existencia de muitos deuses? A civilização e a philosophia d'hoje não indeusam, não escarnecem essas crenças d'outr'ora? Quem sabe lá se o futuro hade condemnar e escarnecer dos que hoje vivem?..»

Recahiou desfallecido, como assoberbado por angustia

intima e immensa. Depois continuou com desconsoladora tranquillidade e ar de profundissima tristeza:

«Não existe Deos! Aqui está a ultima palavra da minha sciencia! A envenenada sciencia que me deram os livros da philosophia d'este tempo, quando retalhado o coração com dores cruelissimas, procurei fortalecer-me nas eternas verdades que bebi com o leite, que perdi nas tempestades da vida e que a minha alma, já desencantada de illusões formosas, tão anciadamente queria! Como é abraçador o sol d'este seculo! como é empestado o halito da geração que ali vive!

Quanto mais feliz não foi aquelle dissoluto e incredulo de Tagasto, quedepois d'uma lucta desesperada e longa com as paixões e a razão, pôde enfim descansar na paz de Deus á sombra da fé! Os seus ultimos annos foram serenos e bellos como é o firmamento em dia claro de primavera: sahia-lhe do coração e rompia-lhe dos labios um hymno perenne de louvor ás maravilhas e ás misericordias do eterno: e eu com os pés a escorregarem-me já pela cova dentro ainda lucto por arrancar do coração a imagem de Deos!..

E' que por elle imploravam as orações e sobretudo as lagrimas d'uma mãe!.. Se houvesse outra vida, e minha mãe me visse de lá....»

Calou-se. Quem sabe se o pensamento lhe subiria á patria dos justos procurando a alma virtuosa de Clementina? E' certo que Deos naquella hora se compadeceu do atribulado, mandando-lhe a consolação ineffavel das lagrimas. E a chorar adormeceu.

Que visões surgiriam diante d'aquelle espirito sedento de verdade? condensar-se-hiam em torno d'elle as trevas da duvida, ou desceria a luz do alto a dissipal-as?

DELFIN D'ALMEIDA

MODAS

Estamos na primavera. O ceu cobre-se com seu manto azul e purpurino; a terra rejunca-se de flores; as arvores abrolham e floream opulentas e vistosas; e a natureza inteira estremece em fecundo arquejar de incompreensiveis arcanos.

As noites já tem para as almas scismadoras o encanto suavissimo do mysterio. Já a cigarra canta nos tojeiros juntando sua voz á symphonia romorejante do val; já as estrellas brilham no espaço como myriades de soes esplendentes.

Eis-nos chegados á estação mais graciosa do anno. N'esta epocha, seja qual for a idade, o corpo humano, como se entrasse na efervescencia do mundo vegetativo, sente uns renovos de vida, uns acrescimos de forças que se definem no ancian secreto que falla, a uns na esperanza de gosos e prazeres desconhecidos, a outros na linguagem pungentissima da saudade! Saudade que é gosto no dizer do nosso Garrett.

E' por tanto esta a quadra dos amores, dos extasis; e dos enlevos...

Como coisa impropria d'esta secção põem-se de parte as ambições e a gloria; senão teriamos irremediavelmente de juntar nossa voz ao côro immenso da população triumphante, que n'este mez de março de 68 ficará para sempre eternizada aos olhos das gerações vindouras. A esta hora memoravel, os Cincinatos largam as charruas e a enxada, envergando a tunica dos patricios, e com ella o santo e infatigavel zelo da defensão da patria.

Em breve, lá no capitolio das camaras resorará a voz inspirada d'estes Hortencios da horta, e Portugal levantando as quinas humilhadas ainda ha pouco diante das aguias francezas, mostrará ao Universo pasmado e attonito

... qual é mais excellento
Se ser do mundo rei se de tal gente.

Perguntará agora a minha gentilissima leitora, a que virá aqui esta descambada dissertação, quando se trata de modas?

A moda, minha querida leitora! A moda hoje é ser deputado; a moda é ser orador nos comícios, e tolo oratorio nas praças e nos caffès. A moda é farejar o que dizem os politicos a respeito da nossa autonomia abalada pelo *deficit* e outros palavrórios!

Pobres damas! Quando lá, no sacario da formosura, se entretém recompondo ao espelho o laço da cintura e imaginando uma *toilette* elegante á Pompadour em que primam as sedas e os blondes, guiadas pelo bom gosto da incansavel Marie Duval, ou M.^{me} Erneline Raimond, que todos os mezes lhes appresenta as mais encantadoras descripções, bate de mansinho á porta o pai ou marido gritando contra o imposto de consummo, contra a guerra do Paraguay e contra a praga de gafanhotos que chove sobre o orçamento.

E ella, a elegante, tem de tragar até ao fim o aranzel massudo como uma d'aquellas empadas de pombos que foi a golozeima mais deliciosa da nossa infancia, e que desgraçadamente já se não encontra desde que a moda, a moda sim, minhas senhoras, nos trouxe o *filet aux truffes*.

A moda! A moda é um dilema que abrange todas as artes e especies desde o apuro e luxo pessoal até aos comestiveis. Cleopatra mastigava perolas, como nós hoje em dia engolimos alcaparras.

E com isto, peço licença a leitora para lhe dizer que respeito a modas não posso satisfazer a sua curiosidade. Os differentes jornaes politicos e mercantis apossaram-se usurpadamente d'essa tarefa e seria da minha parte grandissima ineptia transcrever o que está dito.

O ANEL DA BENÇÃO

Contam antigas e indubitaveis chronicas uma passagem que merece resugir-se do esquecimento.

La no principio da monarchia portugueza floreceu em altas cavallarias um fidalgo, de nome Fernandianes de Lima, neto de D. Tereza Vermudes, irmã d'el-rei D. Affonso Henriques.

O qual fidalgo, sahindo a espraiair cuidados fora da tenda erguida em arraial contra a moirisma, topou uma brava cobra remettendo contra duas doninhas, que defendiam a toca d'um castanheiro onde ellas haviam aninhado os filhos.

A serpente, bem que repellida a impetos das doninhas que a dentavam, se alguma vez as cingia nas roscas, desplicava-se coando-lhes peçonha que as fazia logo inchar. Era então de ver, e louvar a Deos, a pressa com que as doninhas iam espojar-se e tozar n'uma moita de saramagos, d'onde sahiam desinchadas e rijas para a peleja.

Sem embargo dos seus conhecimentos pharmacologicos, os bichinhos, assoberbados pela pujante cobra, iam já fugindo de estalfados, largando os filhos á voracidade do inimigo vencedor.

O fidalgo, visto o desfecho da lucta e o rastejar da serpente para o ninho, enviou-se contra ella e escalavrou-a a bordoadas.

Contente do feito, Fernandianes de Lima voltou ao campo, e relatou aos seus camaradas o caso.

No entremeio da narrativa, deram tento os ouvintes de uma doninha que se acercava destemida e airosa do grupo. Calou-se o narrador mui attento no sylvestre bratinho que parecia demandal-o. Como de feito. Abeirou-se d'elle a doninha, e depoz-lhe aos pés uma pedra preciosissima, mostrando (moralisa fr. Pedro de S. Franco) que devia gratificação ao favor que d'elle recebera e a vingança que por ella havia tomado de seu inimigo; e que pois a não podia dar com a boeca que d'ella aceitasse aquella pedra que lhe ali deixava. (*)

Levantou o insigne capitão a pedra e encastoou-a em um anel, que deixou a seus illustres descendentes. Chamou-se olegado o ANEL DA BENÇÃO, e assim denominado ficou em vinculo no seu morgadio, cuja representação gosaram os viscondes de Villa Nova da Cerveira, depois marquezes de Ponte do Lima.

Que será feito do anel do sobrinho do rei Affonso Henriques?

Quando fr. Pedro de S. Francisco, no fim do seculo XVI, dedicava a sua *Explicação do salmo 50* a soror Isabel de S. Antonio, da casa dos Limas, oriundos de tronco real, ainda o anel da benção estava no morgadio.

Vive em Lisboa o desvalido representante d'aquella realenga prosapia. Não cuideis que possua o anel quem se ha visto a braços com a pobreza, sem resvalar do fidalgo pundonor de seus avós.

C. CASTELLO-BRANCO.

(*) Explicação do salmo cincoenta; na Dedicatória.